

Investigações sobre a construção do fitônimo *CAPOEIRA*: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística indígenas

Carlos Alberto Rizzi*

Abstract: The word *capoeira* is a vernacular phrase in Tupi Brazilian Portuguese. *Kaá-uêra*, carries the notion of "forest which is not the same as it was". This sentence shows the elegant interpretation of data on the indigenous tradition of the landscape. Today, *capoeira* term is widely used in scientific discourse, near your namesake of the Western tradition: *secondary forest*. We intend to develop here the question of why there is a strange difference between the intellectual direction of the *secondary forest* and *capoeira*? This oddity is the fact the word *capoeira* has a lexical-semantic field that includes not only the vegetation related training, as well as homologous and complementary range of phenomena of the environment, fauna and flora. Something similar does not happen with the term *secondary forest*. To try to understand why this observation, we assume that the first term is the result of a totalizing thought, continuing a tradition handed down from the ancient past, while the second term is the heir to a recent split: the fragmentation of Hellenistic thought. In the West, this fragmentation has a symbolic moment: the trial of Socrates. Armed with studies of Hannah Arendt, we see elements of this fragmentation of the "separation between the philosopher and the life in the city [which] means the separation between thought and action" (WAGNER 2002), which resulted in the separation "between thought and [...] between a philosopher and political reality" (WAGNER 2002). The result of this split was the largest facility in the Western tradition, the dichotomy between the *vita activa* and *vita contemplativa* who officiated at the same split between thought and action. We believe this is the intellectual heart of the distinction between the term secondary forest and capoeira, the dual languages produced by the subsequent division of the absolute and relative space and nature and society, an issue noted by SMITH (1988).

* Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação do Departamento de Geografia (FFLCH-USP). Email: carlos.rizzi@usp.br.

Keywords: Toponymy; Geolinguistics; lexicology; space; the Western tradition; *wilderness*.

Resumo: O termo *capoeira* é um vernáculo, uma sentença tupi no português do Brasil. De *kaá-uêra* procede a noção de "mato que já não é o mesmo que foi". Essa sentença demonstra a elegante interpretação da tradição indígena acerca dos dados da paisagem. Atualmente, o termo *capoeira* é muito utilizado no discurso científico ao lado de seu homônimo da tradição ocidental: *mata secundária*. Pretendeu-se aqui desenvolver a seguinte indagação: porque há uma estranha diferença intelectual entre o sentido de *capoeira* e *mata secundária*? Essa estranheza reside no fato do termo *capoeira* possuir um campo léxico-semântico que abarca, não somente a formação vegetal correspondente, como também ampla gama homóloga e complementar de fenômenos do ambiente, da fauna e da flora. Algo similar não ocorreu com o termo *mata secundária*. Para tentar entender o porquê dessa constatação, supôs-se que o primeiro termo é resultado de um pensamento totalizante, de uma tradição contínua repassada desde o passado ancestral, ao passo que o segundo termo é herdeiro de uma recente ruptura: a da fragmentação do pensamento helênico. No Ocidente, essa fragmentação possui um momento simbólico: o julgamento de Sócrates. Munidos dos estudos de Hannah Arendt, foram vistos elementos dessa fragmentação na "*separação entre o filósofo e a vida na polis* [que] *significou a separação entre o pensamento e a ação*" (WAGNER 2002), o que teve como consequência a "*separação entre pensamento e política [...] entre filósofo e realidade*" (WAGNER 2002). O resultado maior dessa cisão foi a instalação, na tradição ocidental, da dicotomia entre a *vita activa* e a *vita contemplativa* que oficializou a própria cisão entre pensamento e ação. Acreditou-se ser esse o cerne da diferenciação intelectual entre o termo *capoeira* e *mata secundária*, dicotomia linguística produzida pela consequente cisão do espaço em absoluto e relativo e em natureza e sociedade, questão observada por SMITH (1988).

Palavras-chave: Toponímia; geolinguística; lexicologia; espaço; tradição ocidental; *wildernes*.

1. Introdução

Segundo WITTGENSTEIN (1996) é a vaguidade de um termo e seu uso ostensivo a verdadeira força de sua consolidação enquanto conceito portador de significado. Desde o primeiro parágrafo (§) de sua obra "*Investigações Filosóficas*" é demonstrado o valor dos vocábulos. Wittgenstein foi um pensador simpático à noção de que "*as palavras da linguagem denominam objetos*" como se fossem simples nomeação e comunicação: uma palavra, um sentido, mas ainda assim, incapaz de trazer um sentido mais geral se não compartilhado a outras palavras em conjunto. Para ele, o conjunto está objetivado a formar uma sentença, "*frases [...] tais ligações de tais denominações [...] Esta significação é agregada à palavra. É o objeto que a palavra substitui*" (WITTGENSTEIN 1996).

Poderíamos simplesmente afirmar ser o presente artigo uma análise de como a palavra *capoeira* faz derivar denominações múltiplas a objetos espaciais. Essa facilidade foi negada porque, o estudo revelou que o termo *capoeira* é mais que um modelo de comunicação. *Capoeira* trata-se de uma sentença vernaculizada para o português do Brasil. Essa descoberta levou o autor deste artigo a investigar o mundo dos jogos de linguagem e seu papel na interpretação dos objetos geográficos, assim como à inevitável comparação performática desse termo com seu homônimo ocidental: *mata secundária*.

O primeiro tópico chamado *Kaá-puêra: etimologia, vernaculização e socioespacialidade no brasílico*, apresenta ao leitor o termo *capoeira* em sua raiz original e na vernaculização no português do Brasil. O segundo tópico chamado *As acepções da kaá-puêra nos dicionários e nos trabalhos científicos* apresenta alguns exemplos de como o termo *capoeira* está presente no discurso científico e geográfico moderno. O terceiro tópico chamado *O vocábulo capoeira como um catalisador no espaço geográfico* pretende

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
indígenas

apresentar o termo como um fenômeno geolinguístico dinâmico no espaço geográfico. O seu dinamismo ocorre a partir de sua flexão sobre outros objetos espaciais referentes aos aspectos da fauna, flora, geografia humana e territorialização, fenômenos derivados do seu significante.

Os três tópicos finais procuram esboçar uma interface ainda introdutória entre a linguagem e a geografia. O quarto tópico chamado *Entre a linguagem e a geografia: Wittgenstein e Santo Agostinho* procura apresentar a linguagem enquanto técnica produtora do conhecimento. Neste tópico objetivou-se entender a produção espacial do termo *capoeira*. O quinto tópico chamado *Fora do intramuros da pólis pré-filosófica: Hannah Arendt e Neil Smith* é uma tentativa de se encontrar as raízes da cisão entre pensamento e ação estudada por Hannah Arendt e da cisão do espaço em natureza, espaço e sociedade analisada por Neil Smith. Este tópico procurou esclarecer a raiz filosófica das limitações do termo *Mata Secundária*, vinculadas à tradição filosófica ocidental, observadas na contraposição ao termo *capoeira*. O sexto tópico chamado *Fora da pólis pré-filosófica: Hannah Arendt, Neil Smith, Milton Santos e wilderness* é uma tentativa de reencontrar, no discurso científico geográfico moderno, um caminho alternativo à geografia aristotélica ao apresentar uma visão crítica à atual limitação científica em torno da ideia de *wilderness* (natureza selvagem e intocada) e sociedade e da relação sociedade/natureza.

2. *Kaá-puêra*: etimologia, vernaculização e socioespacialidade no brasílico

As toponímias¹, quais forem, têm valor inestimável para o patrimônio civilizacional da humanidade. As toponímias são evidências imateriais de campos léxico-semânticos, parte do “tesouro vocabular” de um povo. Como nos falam os especialistas, o “*léxico é a testemunha de uma cultura, porque é exatamente no domínio do léxico que as influências de substrato (indígena) e superestrato (africano) mais se manifestam*” (AGUILERA 2006).

Na América do Sul, a “família linguística Tupi-Guarani” abrange um enorme território que se estende do Pampa e Chaco Paraguaio até as regiões da Caatinga e Amazônia. É composta por volta de “50 línguas atuais e distintas”, das quais, as “*mais conhecidas são o Tupi antigo (Tupinambá) e o Guarani*”. Atualmente, o “*Nheengatu (Tupi moderno), falado na Amazônia*” é a “*continuação*” do Tupi antigo. O Guarani se concentra principalmente no Paraguai, “*onde o dialeto ou língua Guarani mais comum é conhecido como Avañeém ou Guarani moderno*”. O Guarani também se propaga pela “*Argentina, Bolívia e Brasil*”, nos quais “*existem vários dialetos*” (DOOLEY 1998).

¹ “*Em sua origem, a Toponímia não constitui um corpo disciplinar autônomo, à semelhança do que ocorre hoje, vinculando-se à antiga cadeira de Etnografia e Língua Tupi, no âmbito dos cursos de História e Geografia. Mas o ponto vital e ordenador de todo o questionamento que se colocava era a preocupação latente com a dialetologia indígena brasileira, especialmente a tupi. A Toponímia nascente conformava, porém, um duplo objetivo: não só o ensino de suas básicas e de seus fundamentos gerais, segundo os modelos assentados pelo ramo europeu da onomástica, mas, principalmente, a função instrumental de um marcador vocabular brasílico (estudo etimológico dos topônimos tupis), cuja frequência, no sistema lexical português, sempre atingiu índices expressivos nos mais variados itens semânticos (a exemplo de zoonímia, fitonímia, hidronímia geomorfonímia, ergonímia)*” (DICK 1994).

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
indígenas

O termo *capoeira* e seu campo léxico-semântico são encontrados nessas regiões. Foram abordadas as características vernáculas (brasileirismos) e os sentidos etimológicos (sentidos dos termos no tupi original) do fitônimo *capoeira*. O objetivo principal foi descobrir se os sentidos originais dos conhecimentos explicitados pelo termo *capoeira* possuem aderência direta com o fenômeno a que destina representar e se, mesmo com a vernaculização, tal sentido mantém-se inato na compreensão dos respectivos fenômenos espaciais a que se destina representar. Para tanto, técnicas de geolinguística e de lexicologia foram utilizadas para se decifrar o conhecimento encerrado na vernaculização *capoeira*, presente em diferentes grafias. O objetivo de tal método foi delimitar a "*distribuição diatópica de itens lexicais*"² de base tupi-guarani encontrados, no caso, do campo léxico-semântico do termo *capoeira*. O método consistirá em identificar características do campo léxico-semântico derivado do topônimo, suas expressões no pensamento científico e uma consequente comparação com seu homônimo ocidental: *mata secundária*.

O estudo da toponímia, desde o precursor trabalho de SAPIR (1969), tem se especializado na arte de decodificar tais frases criptografadas. É a sua estrutura o que se apercebe no âmago de uma vernaculização: seu substrato sempre se reporta à base linguística que a origina. É seu substrato, ao passo que os insertos posteriores (africanismos) são considerados superestratos.

Aqui, o que interessa é o substrato, mais profundo e de longa duração. Destacou-se para tanto, o trabalho de AYROSA (1967) no que diz respeito ao seu estudo sobre o verbete fitonímico *capoeira* estudado por ele em seu trabalho *Termos tupis no português do Brasil*. Essa importante figura atuou no campo de estudo da linguística tupi-guarani, tendo trabalhado especificamente com alguns povos indígenas tradicionais do litoral paulista.

² Para exemplos de utilização de princípios de geolinguística e de lexicologia ver AGUILERA 2006.

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
indígenas

Em destaque, há o trabalho com as populações guaianá e a tentativa de encontrar um vínculo etnológico destes com demais povos litorâneos. No trabalho do autor, percebeu-se que o termo *capoeira*, oriundo do tupi, apresenta inúmeras diferentes formas de escrita que, em sua estrutura original e geral, representa uma frase composta pela seguinte estrutura: *káa* (mato) + *uêra* (indicativo de passado) = *capoeira*.

No referido estudo, Ayrosa analisa a construção de algumas palavras de origem tupi. No caso do termo *capoeira*, elucida as discordâncias entre estudiosos acerca da real significação desse termo no português do Brasil. Ali, deixa claro a diferenciação entre as origens do termo *capoeira* no português de Portugal e do termo *capoeira* como arte marcial brasileira (AYROSA 1967).

No decorrer de sua argumentação, analisa acepções incorretas de diferentes autores para o referido vocábulo. Sobre os erros de interpretação, constam no texto de Ayrosa diversas traduções e, a maioria, como esperado, passou ao largo de uma interpretação correta para a construção simbólica dessa sentença (AYROSA 1967). Segundo o autor, as incoerências interpretativas decorrem de uma referência direta e irrestrita de algo que já se foi, o mato velho em si.

No Quadro 1 estão reproduzidas as traduções equivocadas compiladas pelo autor. Estas não atentam para o caráter totalizante dessa vernaculização. Por exemplo, as assertivas, "*mato redondo que existiu*" e "*mato raso, por já ter sido cortado*", retratam uma interpretação por etapas do objeto. Essa perspectiva, na qual as coisas são vistas sempre imóveis e estáticas, está intrinsecamente ligada à tradição aristotélica.

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
 CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
 indígenas

Quadro 1. Erros de Tradução para a Vernacularização [káa-uêra = capoeira]			
Estudiosos	Suposta frase gênese do termo	Vernacularização	Interpretação incorreta
1.João Ribeiro	ca-poan-êra	capoeira	mato redondo que existiu;
2.José de Alencar	caá-apuan-êra	capoeira	mato raso, por já ter sido cortado;
3.Batista Caetano	caá-puan	capoeira	mato redondo, mato erguido, mato alto;
4.Batista Caetano	ca-poan-êra	capoeira	mato redondo que existiu;
5.Figueired	co-poéra	capueira, capoeira	mata destinada a roçar-se;
6.Teschauer	co-poéra	capueira, capoeira	mata destinada a roçar-se;
7.Montoya	co-cuêra	capoeira,copoeira	roça velha;
8.Beaurepaire Rohan	cocuéra	capoeira	roça extinta;

Fonte: AYROSA, 1967

Adaptação de Carlos A. Rizzi

Essas informações nos são importantes, pois fazem atentar para o sentido profundo e dinâmico a que o termo *capoeira* nos remete. Como será mostrado, essa visão por etapas da realidade olvida com frequência o significado da linguagem constituída sob um prisma totalizante, algo que diz respeito unicamente à fragmentação do pensamento ocidental. MITHEN (2002) apresenta aspectos dessa elegante e refinada visão de mundo enquanto KOYRÉ (2006) demonstra o conteúdo da questão epistemológica ocidental.

Seguindo esse raciocínio, uma tradução correta para a frase vernaculizada *káa-uera* tem de considerar o caráter dinâmico do pensamento indígena e não deve se orientar pela concepção aristotélica da realidade. Sendo assim, é AYROSA (1967) quem nos explica, no lugar de *mato velho em si*, *káa-uera* passa a representar *mato que já não é o mesmo que foi*. Ele não é mais o mesmo, mas ainda é mato, conectado de algum modo ao mato virgem que existiu: quando é visto, sua presença remete-se, sobretudo, a seu antepassado, a algo que o precedeu e que lhe dá sentido e significado no presente e no concreto.

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
 CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
 indígenas

O indígena via a vegetação em processo com tempo e espaço de forma indissociável. Sua perspectiva é engajada ao passo que o modelo aristotélico é contemplativo. No real designado da sentença tupi, a dinâmica espacial em questão é a revegetação. O processo que consiste na substituição de uma mata primeira, evidenciada por uma mata secundária é o foco da construção intelectual da frase em língua original. Esta demonstração indica um mato velho que existiu, não aparte do novo, nem ambíguo a ele, e sim, dotado de vínculo, de espacialidade, de identidade: *"no local das velhas matas extintas aparece sempre mato novo, de pequeno porte a altura, faz-se referência a ele lembrando a antiga floresta que aí existiu"*. Assim, *capoeira* tem de ser entendida *"em sentido figurado ou translato"* (AYROSA 1967). Esse autor se utiliza dos estudos de José Veríssimo para apresentar a correta tradução para *capoeira*, e a respectiva frase que lhe originou:

capoeira - mato novo que cresceu em lugar onde existiu uma mata virgem; mato ralo. Nos dicionários citados (Grande Dic. de Fr. Domingos Vieira e Dic. Contemporâneo de Caldas Aulete) vem com significação errada.

De kaá, mato, e forma de pretérito poêra = coêra = êra: mato que já não é o mesmo que foi (AYROSA 1967).

Vê-se então que *capoeira* é uma frase composta pela palavra *kaá* que designa mato e *uêra*, indicativo de passado: mato que foi. O interessante é que o homem tupi observava não a mata como um estágio, algo típico das sociedades marcadas pela fragmentação das ciências, mas sim como algo uníssono. Essa qualidade de ver as coisas em movimento e de forma nunca estática também é produto de certas tradições antigas. Tais se diferenciavam em forma e em conteúdo da vertente filosófica aristotélica, progenitora da moderna ciência. Segue uma citação esclarecedora:

Un rasgo importante de esa ciencia antigua [cosmologias não-ocidentais] fue el hecho de que procuraba estudiar las cosas en movimiento, en

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
 CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
 indígenas

tanto que nuestra ciencia actual ha procurado siempre estudiar las cosas *inmovilizándolas*, como hizo Aristóteles, método que solo la física más reciente ha superado (IBARRA GRASSO 1982: p.320).

Pretendeu-se aqui desenvolver a seguinte indagação: porque há uma estranha diferença intelectual entre o sentido de *capoeira* e *mata secundária*? Essa estranheza reside no fato, explicitado a seguir, do termo *capoeira* possuir um campo léxico-semântico que abarca, não somente a formação vegetal correspondente, como também uma ampla gama homóloga e complementar de outros fenômenos espaciais do ambiente, da fauna e da flora. Com o termo *mata secundária* não aconteceu algo similar. Para tentar entender o porquê dessa constatação, supôs-se que o primeiro termo é herdeiro de um pensamento totalizante ligado direto a uma tradição repassada ininterruptamente desde o passado ancestral, ao passo que o segundo termo é herdeiro de uma recente ruptura: a da fragmentação do pensamento helênico. No Ocidente, essa fragmentação possui um momento simbólico: o julgamento de Sócrates. Munidos dos estudos de Hannah Arendt, foram vistos elementos dessa fragmentação e como ela foca “*A separação entre o filósofo e a vida na polis [que] significou a separação entre o pensamento e a ação*” (WAGNER 2002), a qual também teve como consequência, a “*separação entre pensamento e política [...] entre filósofo e realidade*” (WAGNER 2002). O resultado maior dessa cisão foi a instalação, na tradição ocidental, da dicotomia entre a *vita activa* e a *vita contemplativa* que oficializou a própria cisão entre pensamento e ação³. Acreditou-se ser esse o cerne da diferenciação intelectual entre o termo *capoeira* e *mata*

³ “*Em ‘Trabalho, Obra e Ação’, ao fazer a pergunta: ‘em que consiste a vita activa?’, Arendt reconhece que, levando essa questão, está admitindo a ‘validade de uma velha distinção entre uma vita contemplativa e uma vita activa, que nós encontramos na tradição do pensamento filosófico e religioso ... Apesar de não existirem referências a um modo de vida contemplativo na polis pré-filosófica, essa pensadora não rejeita, em sua análise, a expressão vita contemplativa por ter-se constituído esta, posteriormente, o modo de vida efetivo dos filósofos. O que Arendt recusa-se a aceitar é a superioridade que estes atribuíram à vita contemplativa, uma superioridade que, construída a partir de um pensamento desvinculado da realidade, acabou por ignorando as diferentes formas de expressão da vita activa*” (WAGNER 2002).

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
 CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
 indígenas

secundária, dicotomia linguística produzida pela conseqüente fragmentação do espaço em absoluto e relativo e em natureza e sociedade. Essa segunda interpretação foi orientada pelos estudos de SMITH (1988).

Com isso, o termo *capoeira* demonstrará o refino intelectual da lembrança do tupi: de um mato velho que existiu, não aparte do novo, nem ambíguo, estanque, separado, alienado ou hierárquico a ele. Nessa visão de mundo, a coisa (a ser objeto da nomeação) é dotada de vínculo direto com o passado. É o próprio passado materializado no presente. Algo munido de espacialidade. Nessa visão de mundo o vivido, o mítico e o material estão em uníssono no mundo.

Nesse sentido, o fitônimo *capoeira* adquire a qualidade de forma espacial. Por exemplo, no Estado do Paraná, em especial, nas regiões de passagem dos antigos tropeiros, comumente surgiu o termo *capoeira* enquanto designativo de "*formações campestres que se constituem pelas tipologias de vegetação que correspondem aos campos e campinas do planalto*" (ZAMARIANO 2006). Além do campo léxico-semântico direto, *capoeira* adquire a característica de "*formações de campo*" e mesmo de localidades. A seguir, uma citação que bem demonstra a integração do fitônimo *capoeira* à geografia política:

Desse modo, valorizaram-se as formações de campos, definidos como um terreno plano, extenso, com poucos acidentes, destituído de árvores e destinado à agricultura ou às pastagens e campina(s) que se refere a um campo extenso desprovido de árvores e normalmente revestido de gramíneas, subarbustos e ervas. Encontram-se nos designativos de lugares, além da referência a estes tipos de vegetação, os matos, as capoeiras, os capins, os sapés e uma menção a caatinga que se caracteriza como vegetação típica e/ou região do Nordeste brasileiro.

Particularmente, neste aspecto, registra-se: *Campo das Cinzas* (serra - Jaguariaíva), *Campo Real* (rio - Guarapuava), *Campo Novo* (rio - Guarapuava, Matinhos, ribeirão - Rio Negro, Ipiranga, arroio - Tibagi), *Campinas Belas* (arroio - Ivaí, Reserva), [...], *Capoeira* (arroio da -

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
indígenas

Araucária e Campo do Tenente), *Capinzal* (rio - Araucária, ilha do -
Guaratuba) [...] (ZAMARIANO 2006).

3. As acepções da *kaá-puêra* nos dicionários e nos trabalhos científicos

A própria construção da frase *kaá-puêra* denuncia uma específica linguagem utilizada para a produção de um conhecimento geográfico. O simbolismo humano, tão buscado no passado geológico do Homem (WONG, 2005), encontrou na abstração dos fatos espaciais e de sua sucessão na dinâmica espaço/temporal, um conhecimento tão caro para nosso pensamento geográfico moderno que, de tão eficiente, veio a ser figurar em manuais e dicionários ocidentais, não por simples jogo de nomeação decorativa ou mero modelo de comunicação e sim pela capacidade cognitiva em bem representar um significante.

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
 indígenas

Figura 1: Uso do termo *capoeira* no discurso científico

① Biótopos de Formações Vegetacionais																																																				
Matas, Capoeira, Reflorestamentos e Conjuntos Arbustivos	<p>Subdivisões devem ser feitas com referência ao tipo de formação florestal. Códigos complementares devem ser inseridos para a designação de parâmetros como: aspectos fitofisionômicos de destaque, espécies de árvores e arbustos dominantes, presença de sub-bosque, grau de umidade do solo, tipo de solo ou substrato, formas de uso e manejo, etc. como, por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> ◦ florestas semidecíduais estacionais em estágio de regeneração avançado ◦ florestas de <i>Eucalyptus</i> spp. Maduras com sub-bosque ◦ áreas de reflorestamento mistas, com espécies exóticas e nativas 																																																			
<p>Fonte: Manual para Mapeamentos de Biótopos no Brasil, 1997, p.14.</p>																																																				
②	③																																																			
<p>ESTIMATIVAS DOS PARÂMETROS DA ESTRUTURA FLORESTAL</p> <p>A estrutura horizontal foi analisada pelo índice de valor de importância (IVI), que inclui os índices de abundância (Ab), frequência (F) e dominância (Do), segundo Montoya Maquim (1966), Cain & Castro (1959), Lamprecht (1964) e Finol (1971).</p> <p>A biomassa seca (t.ha⁻¹) para floresta secundária foi estimada, separadamente, para a espécie <i>Cecropia sciadophylla</i> Mart. e para um grupo de espécies de capoeira, usando as seguintes equações desenvolvidas por Nelson <i>et al.</i> (1999), sendo:</p> <p>$\text{Ln } P = - 2,5118 + 2,4257 \cdot \text{Ln DAP}$ (<i>Cecropia sciadophylla</i> Mart.) $\text{Ln } P = - 1,9968 + 2,4128 \cdot \text{Ln DAP}$ (Grupo de espécies) sendo:</p> <p>Ln = logaritmo natural; P = peso seco da biomassa em kg DAP = diâmetro à altura do peito em cm;</p> <p>Fonte: LIMA, <i>et al.</i>, 2007. p.51.</p>	<p>Tabela 1A - Índices de Valor de Importância - IVI, absoluto e relativo, referente à vegetação na área de capoeira.</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Espécie</th> <th>IVI</th> <th>IVI(%)</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Embaúba gigante (<i>Cecropia sciadophylla</i> Mart.)</td> <td>69,01</td> <td>23,00</td> </tr> <tr> <td>Dima (<i>Croton lanjouwensis</i> Jabl.)</td> <td>26,94</td> <td>8,98</td> </tr> <tr> <td>Piriquiteira amarela (<i>Laetia procera</i> (Poepp.) Eicher)</td> <td>19,46</td> <td>6,49</td> </tr> <tr> <td>Murici da mata (<i>Byrsonime crispera</i> A. Juss.)</td> <td>18,89</td> <td>6,30</td> </tr> <tr> <td>Lacre branco (<i>Vismia cayanensis</i> (Jacq.) Pers.)</td> <td>18,24</td> <td>6,08</td> </tr> <tr> <td>Faveira camuzé (<i>Stryphnodendron gulanense</i> (Aubl.) Benth.)</td> <td>15,01</td> <td>5,00</td> </tr> <tr> <td>Ingã branca (<i>Inga parensis</i> Ducke.)</td> <td>11,09</td> <td>3,70</td> </tr> <tr> <td>Lacre vermelho (<i>Vismia gulanensis</i> (Aubl.) Pers.)</td> <td>11,09</td> <td>3,70</td> </tr> <tr> <td>Brau manga (<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart)</td> <td>11,00</td> <td>3,67</td> </tr> <tr> <td>Tabaco bravo (<i>Aegiphila</i> sp. - Verbenaceae)</td> <td>9,83</td> <td>3,29</td> </tr> <tr> <td>Morotó (<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) Maguire, Steyerl. & Frodin)</td> <td>9,67</td> <td>3,22</td> </tr> <tr> <td>Sacaca brava (<i>Croton draconoides</i> Mull. Arg.)</td> <td>7,29</td> <td>2,43</td> </tr> <tr> <td>Envira tofa (<i>Guatteria discolor</i> R.E. Fr.)</td> <td>7,14</td> <td>2,38</td> </tr> <tr> <td>Envira bobó (<i>Rolnia esuacea</i> (DC. ex Dunal) A. DC.)</td> <td>7,06</td> <td>2,35</td> </tr> <tr> <td>Buxuxu orelha de burro (<i>Schomburgkia umbriata</i> (Kunth) Hoehne)</td> <td>4,42</td> <td>1,47</td> </tr> <tr> <td>TOTAL</td> <td></td> <td>82,05</td> </tr> </tbody> </table> <p>Fonte: LIMA, Adriano José Nogueira, <i>et al.</i>, 2007.</p>	Espécie	IVI	IVI(%)	Embaúba gigante (<i>Cecropia sciadophylla</i> Mart.)	69,01	23,00	Dima (<i>Croton lanjouwensis</i> Jabl.)	26,94	8,98	Piriquiteira amarela (<i>Laetia procera</i> (Poepp.) Eicher)	19,46	6,49	Murici da mata (<i>Byrsonime crispera</i> A. Juss.)	18,89	6,30	Lacre branco (<i>Vismia cayanensis</i> (Jacq.) Pers.)	18,24	6,08	Faveira camuzé (<i>Stryphnodendron gulanense</i> (Aubl.) Benth.)	15,01	5,00	Ingã branca (<i>Inga parensis</i> Ducke.)	11,09	3,70	Lacre vermelho (<i>Vismia gulanensis</i> (Aubl.) Pers.)	11,09	3,70	Brau manga (<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart)	11,00	3,67	Tabaco bravo (<i>Aegiphila</i> sp. - Verbenaceae)	9,83	3,29	Morotó (<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) Maguire, Steyerl. & Frodin)	9,67	3,22	Sacaca brava (<i>Croton draconoides</i> Mull. Arg.)	7,29	2,43	Envira tofa (<i>Guatteria discolor</i> R.E. Fr.)	7,14	2,38	Envira bobó (<i>Rolnia esuacea</i> (DC. ex Dunal) A. DC.)	7,06	2,35	Buxuxu orelha de burro (<i>Schomburgkia umbriata</i> (Kunth) Hoehne)	4,42	1,47	TOTAL		82,05
Espécie	IVI	IVI(%)																																																		
Embaúba gigante (<i>Cecropia sciadophylla</i> Mart.)	69,01	23,00																																																		
Dima (<i>Croton lanjouwensis</i> Jabl.)	26,94	8,98																																																		
Piriquiteira amarela (<i>Laetia procera</i> (Poepp.) Eicher)	19,46	6,49																																																		
Murici da mata (<i>Byrsonime crispera</i> A. Juss.)	18,89	6,30																																																		
Lacre branco (<i>Vismia cayanensis</i> (Jacq.) Pers.)	18,24	6,08																																																		
Faveira camuzé (<i>Stryphnodendron gulanense</i> (Aubl.) Benth.)	15,01	5,00																																																		
Ingã branca (<i>Inga parensis</i> Ducke.)	11,09	3,70																																																		
Lacre vermelho (<i>Vismia gulanensis</i> (Aubl.) Pers.)	11,09	3,70																																																		
Brau manga (<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart)	11,00	3,67																																																		
Tabaco bravo (<i>Aegiphila</i> sp. - Verbenaceae)	9,83	3,29																																																		
Morotó (<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) Maguire, Steyerl. & Frodin)	9,67	3,22																																																		
Sacaca brava (<i>Croton draconoides</i> Mull. Arg.)	7,29	2,43																																																		
Envira tofa (<i>Guatteria discolor</i> R.E. Fr.)	7,14	2,38																																																		
Envira bobó (<i>Rolnia esuacea</i> (DC. ex Dunal) A. DC.)	7,06	2,35																																																		
Buxuxu orelha de burro (<i>Schomburgkia umbriata</i> (Kunth) Hoehne)	4,42	1,47																																																		
TOTAL		82,05																																																		

Oficialmente assim se define o termo *capoeira*: “*capoeiras*: denominação popular usada para designar florestas secundárias” (GLOSSÁRIO 2004). No âmbito do discurso geográfico, o uso do termo *capoeira* é corrente (ver Figura 1).

A diversidade de usos na linguagem científica é clara. Na Figura 1, nota-se como o termo *capoeira* está presente desde a etapa de conceituação de biótopos (1) até o levantamento técnico e aritmético de biomassa (2). Possui mesmo espécies que lhe são típicas, em conjunto, caracterizadoras de uma formação vegetal (3).

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
indígenas

Note-se que o fenômeno *capoeira* não se trata de um fenômeno estático. Sua nomeação diz respeito, na maior parte das vezes, a um processo espacial em ação, o uso de sua forma e conteúdo. Sua forma é um produto de diferentes condicionantes e está vinculada a um momento da ação humana, permeada de teleologia: uma visão de mundo, em um dado ponto do espaço e carregado de intencionalidade (MORAES 1988).

O exemplo a seguir, diz respeito a um estudo objetivado em gerar uma “*análise temporal das transformações do uso da terra do Parque Municipal da Lagoa do Peri*” (SALGADO; LOCH 2002), para a formação de uma base de dados tematizados. As autoras utilizaram fotografias aéreas de 1938, 1978 e 1998:

Em função da área apresentar remanescentes da vegetação nativa formada pela vegetação secundária em diversos estágios de regeneração optou-se por considerar na interpretação as seguintes classes de vegetação: vegetação secundária em estágio avançado de regeneração, vegetação secundária em estágios primários de regeneração [...]

Desta forma, optou-se por classificar a vegetação em secundária, nos estágios primários de regeneração considerando as áreas ocupadas por estágio pioneiro, capoeirinha e capoeira, e vegetação secundária em estágios avançados de regeneração representada pelo estágio de capoeirão e/ou floresta secundária.

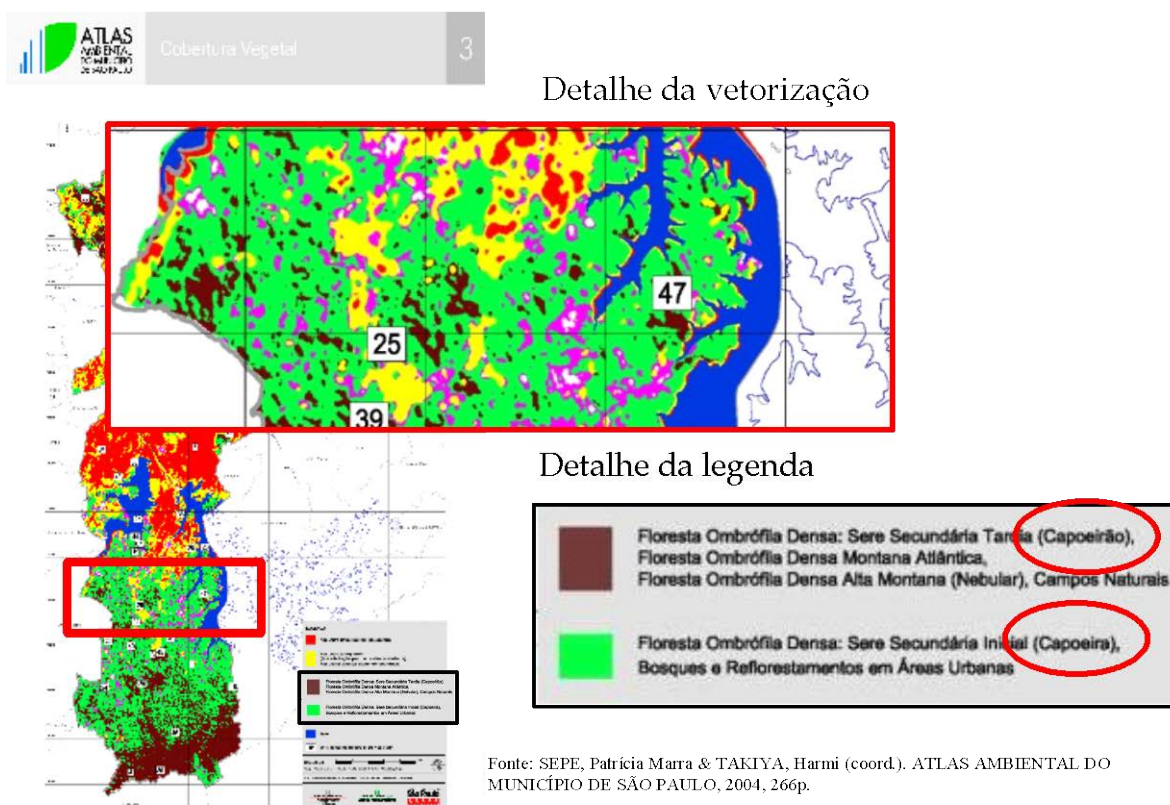
Para a série histórica de 1938 considerou-se as seguintes classes: vegetação secundária em estágio avançado de regeneração, vegetação secundária em estágios primários de regeneração, vegetação aluvial herbácea, agropecuária, dunas/praias, hidrografia e constituição das vias (SALGADO; LOCH 2002).

Noutros estudos, como é o caso da representação gráfica da Figura 2, a *capoeira* aparece como uma variável legítima, detentora de especificidades que lhes são características. No Atlas Ambiental do Município de São Paulo, o mapa Cobertura Vegetal apresenta uma legenda onde, acompanhada da nomenclatura oficial das formações vegetacionais, estão correlacionados *Capoeira para Floresta Ombrófila Densa*: [...] *Secundária Inicial* e Capoeirão

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
 CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
 indígenas

para *Floresta Ombrófila Densa*: [...] *Secundária Tardia*. A seguir algumas de suas aparições oficiais:

Figura 2: Uso do termo *capoeira* no discurso científico
ATLAS AMBIENTAL – COBERTURA VEGETAL



Interessante nesse exemplo é observar que o termo *capoeira* não somente é utilizado, como também aparece como desdobramento derivado do campo léxico-semântico *capoeirão*, como se analisará a seguir. Ali, também pode-se reforçar a visão sugerida de uma floresta ombrófila densa, tardia e secundária.

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
indígenas

4. O vocábulo *capoeira* como um catalisador no espaço geográfico

“todas as coisas presentes no Universo
formam uma unidade”

Santos 2002

A realidade é uma totalidade em movimento e, como tal, os fenômenos e as dinâmicas estão entrelaçadas.

Do mesmo caldo socioespacial de ações produtoras de significante, que permeiam a construção do termo *capoeira*, surge uma miríade de novos fenômenos. Isto é passível de comprovação a partir do próprio discurso oficial, no qual há uma segunda variação do termo *capoeira*: “*capoeirões: Capoeiras em avançado estágio de recomposição, de sucessão vegetal*” (GLOSSÁRIO 2004).

Não há qualquer menção ao termo *mata secundária* nessa segunda citação. Evidentemente, como apresentado no Quadro 2, o termo *capoeira* tem uma versatilidade peculiar. Para os intérpretes tradicionais do estudo toponímico, o vocábulo *capoeira* se apresenta como uma “*expressão elegante do indígena - mato que existiu - caá, mato, e coêra, que passou*” (AYROSA 1967).

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
 CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
 indígenas

Quadro 2 - Campo léxico-semântico do fitônimo capoeira

Significante	Significado
1.capoeira	mato ralo, de pequeno porte, que nasceu em lugar de mato velho derrubado;
2.capoeirão	capoeira já incorporada ou que ocupa grande extensão de terreno;
3.capoeirinha	capoeira muito nova, que começa a se formar;
4.capoeiro	matuto, indivíduo que vive na capoeira;
5.capoeira	lenha que se retira da capoeira, lenha miúda;
6.capoeira	certa ave também chamada unú no Rio de Janeiro. Nome científico: <i>Odonopophorus capueira</i> ;
7.capoeirenta	zona coberta apenas pelas capoeiras;
8.capoeireiro	dedignativo de certo veado;
9.capoeirada	conjunto de capoeiras;
10.capoeirar	andar pelas capoeiras, bater capoeiras;
11.encapoeirado	metido na capoeira, escondido na região das capoeiras;
12.encapoeirado	terreno já coberto de capoeiras;

Fonte: Ayrosa, 1967

Adaptação de Carlos A. Rizzi

No Quadro 2, observou-se que as variações do termo *capoeira* são designações de fenômenos produzidos no ambiente físico-territorial da *capoeira*. SAPIR (1969) atribuiu a formação dos topônimos – e no neste caso, pode-se atribuir o mesmo sentido – ao que denominou por “ambiente” como forte agente construtor dos nomes de fenômenos geográficos⁴.

⁴ “De maneira geral, é melhor empregar o termo ‘ambiente’ apenas quando se faz referência a influências, principalmente de natureza física, que escapam à vontade do homem. Não obstante, tratando-se da língua, que se pode considerar um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que se acha situado o grupo humano, convém compreender no termo ‘ambiente’ tantos os fatores físicos como os sociais. Por fatores físicos se entende aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte” (SAPIR 1969).

Logo após a derrubada e mesmo a queimada da mata, a vegetação que ali surge é chamada de *capoeira*, basicamente composta por plantas oleaginosas e leguminosas. Essas espécies vão atrair animais e mesmo o homem. Com baixa densidade florística é possibilitada a entrada dessas espécies, assim como o desenvolvimento mais rápido das espécies vegetais de maior porte. Este termo acaba por conformar, portanto, um campo léxico-semântico. Trata-se de uma série lexical, ligada ao elemento fito (AYROSA 1967), que foi reproduzido no Quadro 2.

Isso é deveras importante, porque há uma diferença na aplicabilidade do termo *capoeira* e do uso do termo *mata secundária*: *capoeira* alcança não apenas o estrito entendimento do significante "*mata que foi*"; conforma, pois, um campo léxico-semântico. Já o termo *mata secundária* dá conta da objetividade da observação do objeto visto, seja como desmatamento, seja como revegetação; porém, não conforma um campo léxico-semântico como o primeiro.

Prova disso, é sua presença em várias outras acepções: a *capoeira* está presente na nomeação de uma espécie de ave, o *Ondontophorus capueira* (6); no nome de um mamífero, o *capoeireiro* (8); na designação dos fugitivos do período escravocrata, os *encapoeirados* ou os metidos na *capoeira*, escondidos na região das *capoeiras* (11); no *capoeiro*, figura humana produto da presença europeia no atlântico sul português (4).

Como foi visto na descrição da formação da vegetação secundária e mesmo na concepção de campos paranaenses, o campo léxico-semântico não dá conta somente de elementos da fauna, da flora e de dados culturais. Além desse conjunto que por si só compõe consideravelmente o espaço geográfico respectivo à *capoeira*, também o campo revela a capacidade persuasiva do termo em sistema de mensuração, tendo relação direta com a rotina de

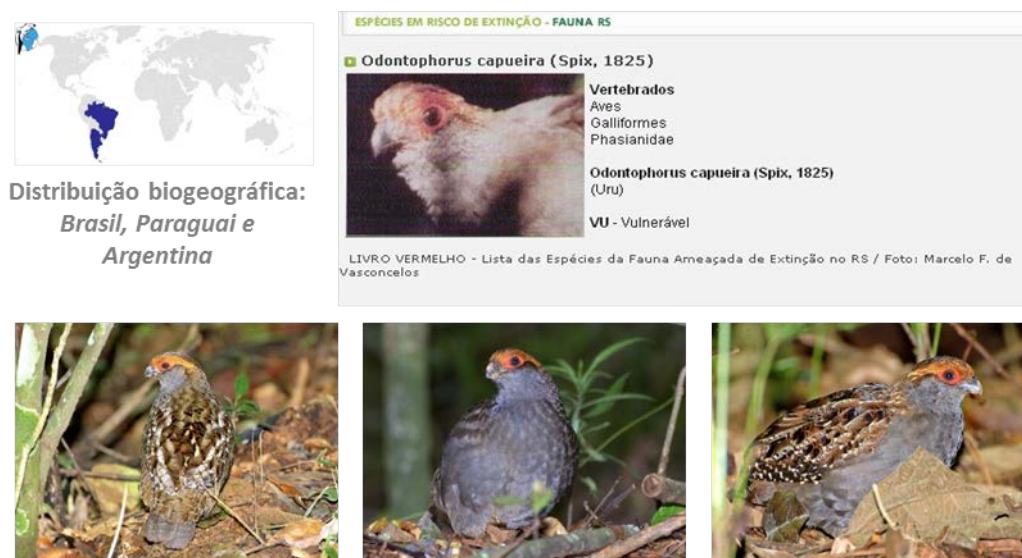
Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
 indígenas

zoneamento econômico-ecológico e com o uso do solo: rotinas de cartografia caras ao planejamento e ao geoprocessamento.

No Quadro 2 estão reproduzidos alguns exemplos: *encapoeirado* “terreno já coberto de capoeiras” (12); *capoeirenta*, isto é, uma “zona coberta apenas pelas capoeiras” (7); *capoeirinha*, ou “capoeira muito nova, que começa a se formar” (3) e, *capoeirão*, ou “capoeira já incorporada ou que ocupa uma grande extensão de terreno” (2).

Foram observadas as interpretações dadas ao termo *capoeira* descritas por Ayrosa e que não sofreram alteração, de fato, na estrutura da própria palavra: *capoeira*, lenha que se retira da *capoeira*, lenha moída e; *capoeira*, certa ave também chamada uru; nome científico: *Odontophorus capueira* (Figura 3).

Figura 3: AVES DE CAPOEIRA: *Odontophorus capueira*



Fontes: GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL (Imagens e dados da *Odontophorus capueira*)
 CAROLINA BIRDS (Imagens e dados da *Odontophorus capueira*)
 GLOBAL TWITCHER (Mapa da distribuição espacial da *Odontophorus capueira*)

5. Entre a linguagem e a geografia:

Wittgenstein e Santo Agostinho

“O fato simples de reconhecer e nomear um objeto supõe um aprendizado, explícito ou implícito. A linguagem tem um papel fundamental na vida do homem por ser a forma pela qual se identifica e reconhece a objetividade em seu derredor, através dos nomes já dados. Para alguns atores, o ato fundador é dar um nome e, por isso, é a partir do nome que produzimos o pensamento e não o contrário” (SANTOS 2002).

Wittgenstein já confirmara, em Santo Agostinho, ser sua interpretação das palavras apenas um modelo de comunicação. Para o religioso, a própria palavra não é apenas um substantivo comum, e sim, uma frase inteira presa em uma contração linguística. Uma interpretação primitiva da linguagem, como em um jogo de decoração e gravação, no qual as palavras podem ser transformadas em substantivos inócuos e estanques, se isolados. Wittgenstein diria logo a seguir ser a linguagem, um sistema similar a um “*ensino ostensivo das palavras*” (1996), no qual cada palavra não é apenas algo incompleto, e sim, um mecanismo potencialmente infundável de significado.

No cerne desse embate entre Wittgenstein e Santo Agostinho, o estudo do termo *capoeira*, bem como do *significante* que trás em ser entorno, conduziu-nos, de certa forma, à afirmativa do filósofo austríaco acerca da arqueologia da linguagem:

Dissipa-se a névoa [do conceito geral da significação das palavras] quando estudamos os fenômenos da linguagem em espécies primitivas do seu emprego, nos quais pode-se abranger claramente a finalidade e o funcionamento das palavras (WITTGENSTEIN 1996).

Se em Wittgenstein, a linguagem é a produtora do conhecimento, em Milton Santos, no entanto, a técnica é a produtora do espaço. O filósofo

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
indígenas

Wittgenstein, ao longo de sua obra, demonstra acreditar não haver essência nas coisas. Para ele, o que há são semelhanças, comuns a todos, em uma espécie de *familiaridade*. O que nos permite associar diretamente ao pensamento de SANTOS (2002) quando este afirma ser o espaço um todo indissociável, e que deve ser interpretado a partir de suas partes, mas, sem perder o foco na totalidade. Para o geógrafo, "*os objetos técnicos atuais se encontram praticamente em todas as latitudes e longitudes. Daí vem o ar de família de tantos lugares, sua aparência repetitiva.*

A obra do professor Milton Santos é cara para o presente estudo. Várias são as noções adotadas. Serve mais um adendo de sua obra: a noção de uma diferenciação entre os objetos e as coisas. Para Milton Santos, a palavra *coisa*, entendida em um sentido estritamente filosófico, designa por convenção, elementos *naturais* intocados. A apropriação dessas coisas pela sociedade - a partir de sua nomeação - transmuta-as para a condição de objetos.

No princípio, tudo eram coisas, enquanto hoje tudo tende a ser objeto, já que as próprias coisas, dádivas da natureza, quando utilizadas pelos homens a partir de um conjunto de intenções sociais, passam, também, a ser objetos (SANTOS 2002).

Milton Santos, assim como afirmara Wittgenstein em suas *Investigações Filosóficas*, considera a linguagem a técnica fundadora do conhecimento. E assim como WITTGENSTEIN (1996) reconheceu nas entrelinhas das palavras de Santo Agostinho, Milton Santos constata ser a partir da nomeação onde se situa a produção dos objetos.

6. Fora do intramuros da pólis pré-filosófica: Hannah Arendt, Neil Smit, Milton Santos e *wilderness*

Três ressalvas são listadas aqui. Em primeiro lugar, como nos alertam os especialistas, dentro do simbolismo da linguagem, os signos toponímicos podem nos pregar peças semânticas, visto que *"há os que são facilmente compreensíveis, porque o semantismo que sugerem ainda não se cristalizou; outros apresentam dificuldade dupla, seja quanto à origem genética da palavra ou quanto ao significado intrínseco"* (DICK 1999).

A segunda ressalva diz respeito ao vínculo do topônimo com o fenômeno que lhe deu origem. DICK (1999) nos orienta que *"nem sempre os nomes estudados [estão] vinculados diretamente ao denominador e às situações originais que condicionaram a denominação primitiva"*. Isto porque pode haver uma defasagem espaço-temporal entre os "atores do processo de nomeação". Também, a afirmativa da significação do nome e as condições do lugar podem apenas ser explicadas pela virtualidade *"das lexias disponíveis no sistema"* (DICK 1999). Como veremos adiante, o termo toponímico capoeira pode ser um desses exemplos.

A terceira ressalva é o relativo desprendimento do denominador com o compromisso de *"representar fidedignamente a paisagem"*. Trata-se de um dado da intersubjetividade. Nesta perspectiva, o denominador irá buscar em seu aporte psíquico e no seu conhecimento predefinido *"injunções de diversas ordens, afastando-se de qualquer tendência objetiva, presa às condições do meio"* (DICK 1999).

O topônimo, enquanto um nome próprio de um elemento geográfico e o próprio elemento em si conforma uma *"relação binômica"* (DICK 1992).

Formam-se então duas partições descritas por Dick como constituidoras da estrutura do topônimo: de um lado, uma entidade gerada localmente pela sociedade que vivencia um espaço em um determinado tempo, e de outro lado, uma denominação convencionada do que se entende por aquela mesma entidade⁵.

No que tange ao chamado “pensamento ocidental”, foi utilizado o pensamento de Hannah ARENDT, que busca discernimento na polis pré-filosófica do que poderia ser a condição humana antes da cisão entre pensamento e ação. Ela encontra no intra-muros da pólis o “*espaço físico-geográfico capaz de emprestar permanência e estabilidade à ação e à palavra*” (WAGNER 2002). Mas aqui não se trata de simples materialidade. Não é apenas o muro, pois o mesmo é apenas uma representação. O intra-muros a que se refere Arendt, é uma construção humana: “*onde quer que vás, serás uma polis*” esta assertiva quer dizer que é a “*convivência entre os homens*”, o pressuposto funda para a construção de um lugar capaz de sediar ação e discurso “*capaz de situar-se adequadamente em qualquer tempo e lugar*” (WAGNER 2002).

Enquanto Hannah Arendt foca na cisão entre o pensamento e a ação, entre o filósofo e a realidade, entre *vita activa* e *vita contemplativa*, Neil SMITH (1988) se preocupa com a cisão entre o espaço, a natureza e a sociedade advindos do mesmo seio. Hannah Arendt aproxima-se de Neil SMITH quando este escreve sobre a visão indissociável entre o mítico, o vivido e o material das sociedades ancestrais e tradicionais e sobre a separação entre o espaço absoluto e o espaço relativo. Com esta cisão, foi possível cindir,

⁵ *Termo ou elemento genérico, relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação, e o outro, o elemento ou termo específico, ou topônimo propriamente dito, que particularizará a noção espacial, identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes* (DICK 1992).

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
indígenas

cognitivamente, o espaço, a natureza e a sociedade em entes supostamente autônomos (SMITH 1988).

A apreensão abstrata das coisas é, pois, a dita fina flor que define o que é civilização do “resto”. Esse espelho de narciso é entendido como um divisor de águas do pensamento (SMITH 1988). Prova disso é sua busca febril nos outros modos de vida: no passado com as sociedades primitivas (WONG 2005), no presente das sociedades tradicionais, no subterrâneo da mente humana (DELOACHE 2005) e nas espécies animais (SCHAIK 2006)⁶.

O autor desenvolve sua argumentação a partir da construção do pensamento ocidental. Um momento decisivo de sua hegemonização no mundo, para o autor, ocorre com a formatação final do pensamento filosófico nas formulações de Newton. Segundo o autor, a concepção de espaço que Newton desenvolveu foi tão convincente que tornou o espaço em um “*dado universal da existência*”⁷. Newton congrega as várias concepções de espaço até então dispersos “*muitas vezes existindo um ao lado do outro, somente mais ou menos relacionados*”. Newton integrou-os em uma mesma base cognitiva unificada, para incorrer em uma conceituação/unificação do espaço.

[...] com o conceito de espaço absoluto e sua relação ao espaço relativo, ele [o espaço] se apresentou, como de fato o era [nas diversas concepções integradas por Newton], uma simples abstração. O espaço se tornou algo em si mesmo. Mas o que se ganhou em

⁶ *Esse exotismo nos fascina, pois estamos enclausurados na autoritária lógica euclidiana e aristotélica. Tudo que funciona fora desse sistema é diametralmente nebuloso, fantástico e esotérico para nossas mentes. Neil Smith aventura-se para além do divisionismo realizado pela filosofia ocidental e procura adentrar o mundo do pensamento totalizante. Para ele, a divisão, entre tempo e espaço, entre sociedade e natureza, evita a fusão conceitual entre espaço e sociedade que possibilitaria “se conceber uma extensão espacial para além da extensão imediatista”* (SMITH 1988).

⁷ *Hoje, aproximadamente três séculos depois, não é o conceito de seus adversários mas o próprio conceito absoluto de Newton que indiretamente informa o senso comum com relação ao espaço. Hoje, no avançado mundo capitalista, todos nós concebemos o espaço como vácuo, como um receptáculo universal no qual os objetos existem e os eventos ocorrem, como um quadro de referência, um sistema coordenado (juntamente com o tempo) em que toda realidade existe* (SMITH 1988).

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
indígenas

generalidade com o conceito de espaço absoluto foi conseguido a alto custo (SMITH 1988).

O *custo* dessa unificação foi a cisão do espaço em absoluto e relativo e a autonomização de suas partes em natureza e sociedade. A tradição toponímica ocidental recebeu tal influência, algo patente no termo *mata secundária*. É então construída conceitualmente, uma realidade dos detalhes dos objetos e dos eventos, um espaço individual, absoluto, passível de ser mensurado e monitorado por leis mais gerais. Tudo o que não poderia aí ser encaixado nesse universo de explicações foi excluído. Deixado de lado, esse caldo de realidade foi posteriormente autonomizado e novamente bipartido em natureza e sociedade. Respectivamente, o primeiro, entendido como um espaço físico, somente apreensível pela Matemática, o segundo, algo amorfo, conjunto de relações sociais em si, destituídas de espaço, mas subentendido como um espaço relativo, em detrimento do espaço absoluto das constantes newtonianas⁸.

A cisão do conceito de espaço significou igualmente a cisão da realidade nos conceitos de natureza ou espaço físico e sociedade ou espaço social. "*Como o espaço relativo de Newton é um subconjunto diferenciado do espaço, o espaço social surgiu como um subconjunto diferenciado do espaço físico*" (SMITH 1988). A geometria newtoniana, assim como a euclidiana, necessitava de uma "*verificabilidade direta*" da matéria. Dito de outro modo, a matéria e o espaço ainda seriam a mesma coisa, de certo modo, portanto, ainda estavam unificados. A verificação *in loco*, empírica e observável não mais era fundamental (SMITH 1988). A morte de Stelluti, a mordada em Galilei e o fim da Academia do Lince em 1651 (BIGNAMI 2004) serão prenúncios dos

⁸ *A separação do espaço relativo e do espaço absoluto ofereceu meios pelos quais um espaço social poderia ser separado do espaço físico, sendo o espaço social definido não em relação a uma natureza primeira independente e exterior, mas a uma segunda natureza humanamente produzida (SMITH 1988).*

próximos séculos na arquitetura da matematização do espaço e da autonomização de suas partes.

A descrição matemática, com Einstein, pôde, por fim, prever os movimentos da matéria no espaço, inundando a relação entre natureza e espaço, mediando-os e separando-os profundamente. *“Sua separação significou que a descrição do espaço físico não precisava mais de tal verificação experimental direta”* Agora, a observação poderia ser no quadro negro, nas simulações computacionais ou nos acelerados de partículas. Esse espaço agora era plenamente entendido como matemático, plenamente abstrato, passível de ser destituído de um espaço físico (SMITH 1988).⁹

O entendimento da natureza afinal, permaneceu preso ao *“Princípio de Mach”*, aceito por Einstein e ainda não superado, onde a estrutura do espaço está *“completamente subordinada à distribuição e ao movimento da matéria, isto é [...] vitória do espaço relativo sobre o espaço absoluto”* (SMITH 1988). O espaço físico posteriormente construído a partir dessa concepção fundadora necessitou da mediação dos índices e das séries históricas para existir:

o espaço físico é substituído pelo espaço matemático. Enquanto o conceito de espaço físico sempre conservou alguma referência à experiência humana prática, o espaço matemático é uma completa abstração para além daquele (SMITH 1988).

É o próprio Einstein quem posteriormente defende a separação entre matéria e espaço: *“Embora a matéria possa constituir a base epistemológica para o campo métrico [...] ela não tem necessariamente prioridade*

⁹ Em Einstein, as geometrias não-euclidianas finalmente conseguiram um referencial material, pois *“até a teoria da relatividade elas permaneceram como construções matemáticas puramente abstratas desligadas da experiência material”, e finalmente puderam ser “coladas” à realidade e secundarizar Euclides na explicação do mundo “que era diretamente verificável na experiência material”*. A matéria permaneceu no espaço de fato, mas o espaço foi transformado em matemática. A Natureza, nessa condição, foi reduzida a simplesmente relação espaço-tempo, ou matéria em movimento (SMITH 1988).

ontológica para o sobre ele" (SMITH 1988). Com essa contraposição posta entre espaço, a cisão está consolidada quando se reconstruir cognitivamente a realidade, pois *"a segunda natureza não conduz a exatamente a um desenvolvimento conceitual, mas ao desenvolvimento de um espaço produzido socialmente (e tão real quanto ele) e partir do espaço natural"* (SMITH 1988)¹⁰.

O termo *capoeira*, como apresentado, possui potência para concatenar o pensamento de um mundo como ponte para outro, fato exemplificado na existência de seu campo léxico-semântico. É um termo totalizante por natureza, vinculado a uma verificação dos processos mais gerais da constituição da sociedade, do espaço e dos territórios a partir de um enfoque global dos fenômenos (SANTOS 1978). A afirmação do autor sobre a sociedade ser uma totalidade em um determinado estágio, sempre dinâmico e mutante (SANTOS 2002) encontra lugar comum no presente texto quando é verificada a vernaculização do termo *capoeira* e o surgimento de seu campo léxico-semântico. O termo *capoeira* é totalizante, dinâmico e mutante assim como é o espaço geográfico. Esta afirmação está de acordo com a assertiva de que *"o geógrafo se esforça por realizar o velho sonho do filósofo: apreender o real em sua totalidade"* (SANTOS 2002), e o faz na busca de uma filosofia menor, pautada em seu campo de saber.

O estudo do termo *capoeira* buscou evitar a visão de uma *"totalidade tautológica em que as relações representacionais se cancelam mutuamente, porque sem referência a realidade"* (SANTOS 2002). Para tanto, buscou

¹⁰ Neil Smith faz afirmações contundentes sobre as consequências de se exaltar a cisão entre a apreensão empírica e a apreensão abstrata: com a existência da conceituação de uma segunda natureza, *"surge a separação conceitual entre sociedade e espaço"*, e se abre espaço para a possibilidade de uma conceituação a-espacial da sociedade. Esse espaço, visto como um produto social torna assimétrica uma relação com a natureza que na realidade, é simétrica. Com isso, é legitimada a afirmação de que a sociedade pode pairar por sobre o espaço como um ser etéreo. O espaço é reduzido a palco shakespeariano, ou como fundo negro do teatro moderno, mero contexto paisagístico (SMITH 1988).

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
indígenas

resgatar a vernaculização da frase tupi para o português bem como sua utilização nos dicionários e trabalhos científicos. Também, buscou-se observar seu campo léxico-semântico. Ainda aí, e para encerrar esta explanação, cabe destacar o valor ecológico e ambiental que essa diferenciação levanta a respeito da visão de mundo ocidental e não-ocidental sobre a natureza. O desdobramento consequente da cisão entre espaço, sociedade e natureza apresentado por Neil Smith levou, dentro da tradição ocidental, à produção de espaço da natureza naquilo que intelectuais têm registrado sob o termo *wilderness*.

A ideia de *wilderness* (natureza selvagem e intocada) levava a crer “*que havia recursos naturais ilimitados nas regiões onde havia ‘natureza selvagem’, não levava em conta ocupação indígena, pois era considerada diferente da dos colonos*”. A contradição entre o tipo de ocupação do solo dos indígenas americanos - baseados em migrações e posse comunal - e o tipo puritano - baseado na “*propriedade particular titularizada*” - associado ao desprezo do Estado norte-americano acerca da relação dos direitos ancestrais desses sobre o solo, contribuiu para o genocídio desses povos e para a consequente desertificação das regiões ditas selvagens (DIEGUES 2001). Esse processo, contraditoriamente, leva a uma moderna re-valorização da natureza, agora, porém, reduzida à condição de *paisagem*. Não mais “a Natureza” e sim as paisagens naturais, mais especificamente, as belas e contemplativas paisagens passam a ser o foco do planejamento do Estado. E a cisão ontológica entre o homem e a natureza passa a ser novamente empenhada a ferro e fogo¹¹.

¹¹No interior da sociedade urbana os mitos ainda estão presentes, “*há persistência do pensamento mitológico em regiões rurais distantes e atrasadas, mas também há uma ressurgência de mitos no mundo urbano*” (DIEGUES 2001). Em especial, um desses *neomitos* é a soma da idéia subconsciente de “paraíso perdido” expressa no “*pensamento empírico-racional, como a existência de funções ecológicas e sociais da natureza selvagem (o conceito de biodiversidade, por exemplo), dos processos ecológicos do ecossistema*”. Neste *neomito*, a apreciação do belo, que é a contemplação da natureza intocada, paradisíaca, é um conjunto de sensações tidas como refratárias de uma suposta “*beleza primitiva da natureza anterior à*

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
indígenas

Enfim, o termo *capoeira*, detém um diferencial epistemológico. Não ter passado pela fragmentação do pensamento, já bastante abordado por filósofos ocidentais, tais como Arendt e Smith aqui mencionados, significa participar de um outro *modus operandi* do pensamento, em especial, não-aristotélico. Um movimento de renovação da epistemologia da tradição científica ocidental busca aliar os avanços dessa tradição a uma concepção totalizante do espaço. Há, em especial, o pioneiros e decisivo esforço de Milton Santos, mas também há investidas contemporâneas como as de LATOUR (1994, 2001, 2004). Em especial, este último busca construir uma via alternativa dentro da tradição ocidental para a crise do objeto científico.

A busca pela superação da dicotomia sujeito-objeto no sentido de encontrar formas híbridas de pensamento, como a recente demanda por uma geografia híbrida que vê as coisas não como concretas e sim como coisas sempre concatenadas, nunca puras (WHAMORE 2002), pode vir a contribuir no estudo de formas cognitivas que só agora a psicologia evolucionista (MITHEN 2002) tem mostrado à comunidade científica tradicional, em que a visão de mundo não ocidental pode contribuir efetivamente para o alargamento das fronteiras da ciência do futuro.

7. Considerações finais

Como visto, o termo *capoeira* não compromete o entendimento da sucessão vegetacional que o termo *mata secundária* busca expressar. Antes, adiciona a linguagem e ao intelecto uma ligação direta com o passado daquele

intervenção humana, da exuberância do mundo natural [...] o harmonioso, a paz interior proveniente da admiração da paisagem intocada". É o wilderness, noção, premissa e pressuposto básico para a criação da proteção integral de lugares verdes contra um homem destruidor (DIEGUES 2001), pressuposto da própria produção de natureza.

lugar sem que se exclua a possibilidade daquele dado lugar voltar a ter uma vegetação totalmente regenerada, similar a anterior.

Para expor as razões dessa semântica, a argumentação do autor deste artigo residiu na constatação da inclusão de elementos provenientes de geografias não-ocidentais ao corpo do pensamento geográfico. Concluiu-se que os pilares dessas outras geometrias não são fragmentários como o estudo pode demonstrar. Não houve a pretensão de se esmiuçar todo o temário da toponímia, nem apresentar alguma tese acerca dessas argumentações. Tentou-se tão somente, observar como esses fitônimos estão (e são) densamente carregados de informações sobre dinâmicas espaciais. Neste trabalho, atentou-se para a questão dos fitônimos de origem indígena, exemplificados pelo termo *capoeira*. Termos como esse carregam em si certa densidade do pensamento abstrato, de suas visões de mundo que não passaram pela fragmentação do pensamento, como o caso da tradição helênica. No caso do termo *capoeira* sua estrutura original *kaa-uêra* detém noções de espaço, de natureza e de sociedade, que parecem não estar dissociadas. Prova disso é o resultado linguístico e toponímico de seu uso: o surgimento de um campo léxico-semântico coeso.

Viu-se o fitônimo *capoeira* como uma forma-conteúdo, uma forma carregada de significado, resultante de uma acumulação espaço-temporal de momentos históricos e modos de produção. A ideia da relação entre significante (matéria, espaço geográfico) e significado (ideia, ação, visão de mundo) é vista como um todo indissociável do autor (grupos sociais, classes sociais), da obra (fitônimo propriamente dito) e da época (períodos da história brasileira e mundial).

No corpo do texto foram apresentados os fitônimos dentro de uma análise geográfica e linguística. A incidência e a configuração desses fitônimos no espaço geográfico, assim como suas interpretações em Plínio Ayrosa e no corpo teórico da toponímia, foram algumas abordagens realizadas. A

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
 indígenas

aderência do termo *capoeira* e as suas conseqüentes derivações conceituais foram creditadas à noção de totalidade social e espacial de Milton Santos; já o termo *mata secundária* foi observado a partir dos estudos de Hannah Arendt e Neil Smith a respeito das conseqüências da fragmentação do pensamento helênico simbolizado pelo julgamento de Sócrates.

Portanto, acredita-se que o uso frequente do termo sobre seu nomeado, bem como sua relativa maleabilidade em subsidiar a descrição de fenômenos dele derivados, concede-lhe poder, consolida-o, torna-o quase concreto, pois está mais “adaptado” à dinâmica do espaço geográfico. Isso é conseqüência do espaço geográfico ser uma totalidade em constante movimento e em incessante mutação, algo que apenas linguagens igualmente dinâmicas podem eficientemente captar.

8. Referências bibliográficas

- AGUILERA, V. Os tupinismo na Linguagem rural paranaense. In: *Estudos Linguísticos*. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Colegiado do Curso de Letras - Campus de Cascavel: Revista Línguas & Letras, v.7, nº12, p.99-125, 1º sem. 2006. Versão eletrônica disponível na internet: www.unioeste.br/saber.
- AYROSA, P. *Estudos Tupinológicos*. São Paulo: IEB, 1967. 109p.
- BARROS, L. A. A toponímia oficial e espontânea na Cidade Universitária - campus Butantã da USP. In: *Revista da USP*, nº56, São Paulo: EDUSP, dezembro/fevereiro de 2003. p.164-171.
- BIGNAMI, G. F. Quatro Séculos da Academia do Lince, o suporte político de Galileu. In: *Scientific American Brasil*, Ano 2 nº20. p. 42-47, jan 2004.
- BIRDS. C. *Imagens e dados da Odontophorus capueira*. Disponível em: <http://carolinabirds.org/HTML/SA_Galli_Quail.htm>. Acesso em: 19 de setembro de 2011.

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
 CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
 indígenas

- DELOACHE, J. S. A consciência dos símbolos. In: *Scientific American Brasil*, Ano 4 nº40. p. 64-69, set. 2005.
- DICK, M. V. DE P. do A.. Significação Hiperonímica e Hiponímica nas Práticas Onomásticas. In: I *Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL*, 1998, Recife. Anais do I Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL. Recife, 1998. p. 41-61.
- _____. *Toponímia e Antroponímia do Brasil*. Coletânea de Estudos. 3ª. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992. 224 p.
- _____. Toponímia e línguas indígenas no Brasil. In: *Estudos Avançados*, v.8, nº 22. São Paulo: USP, set/dez 1994. p.435-436.
- _____. Métodos e questões terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. In: *Investigações Linguísticas e Teoria Literária*, volº9. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFPE, Recife, v. 9, p.119-148, 1999.
- DIEGUES, A. C. S. *O Mito da Natureza Intocada*. 3ª ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 2001. 167p.
- DOOLEY, R. (org). *Léxico Guaraní, Dialeto Mbyá: versão para fins acadêmicos. Com ascréscimos do dialeto nhandéva e outros subfalares do sul do Brasil*. Curitiba, Revisão de novembro de 1998, 195p. Disponível em <http://www.4shared.com/get/wQg9nn-q/Dicionrio_e_Curso_de_Tupi-Guar.html>. Acesso em : 21 de novembro de 2011.
- GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL. Imagens e dados da *Odontophorus capueira*. Disponível em <<http://www.biodiversidade.rs.gov.br/portal/odontophorus>>. Acesso em: 19 de setembro de 2011.
- GLOBAL TWITCHER. Mapa da distribuição espacial da *Odontophorus capueira*. Disponível em <<http://www.globaltwitcher.com/artspec.asp?thingid=2457>>. Acesso em: 19 de setembro de 2011.
- GLOSSÁRIO IBGE. *Indicadores de desenvolvimento sustentável - Brasil*. 2004. p.363.
- IBARRA G. D. E. *America en la Pre-História Mundial. Difusión Greco-fenícia*. Buenos Aires: Tipográfica Editora Argentina, 1982. 420p.
- KOYRÉ, A. *Do mundo fechado ao universo infinito*. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 287p.

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
 CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
 indígenas

- LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: Ensaios de Antropologia Simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Literatura S/C Ltda, 1994. 149p.
- _____. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. Bauru: EDUSC, 2001. 372p.
- _____. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Tradução Carlos Aurélio Mota de Souza. Bauru: EDUSC, 2004. 412p.
- LATOUR, B.; WOOLGAR, S. *A Vida de Laboratório: A produção dos fatos científicos*. Tradução de Angela Ramalho Vianna. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997. 311p.
- LIMA, A. J. N.; TEIXEIRA, L. M.; CARNEIRO, V. M. C. et al. Análise da estrutura e do estoque de fitomassa de uma floresta secundária da região de Manaus AM, dez anos após corte raso seguido de fogo. In: Acta Amaz, v.37, nº1, p.49-53, 2007.
- MITHEN, S. J. A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. Tradução de Laura Cardellini Barbosa de Oliveira; Revisão técnica Max Blun Ratis e Silva. São Paulo: Editora Unesp, 2002. 425p.
- MORAES, A. C. R. Ideologias Geográficas. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.
- MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. O Verde, o Território, o ser Humano: Diagnóstico e Bases para a Definição de Políticas Públicas para as Áreas Verdes no Município de São Paulo. São Paulo: SVM - Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, 2004. 266p.
- PAULA, A. DE; SILVA, A. F. DA; MARCO JUNIOR, P. et al. Sucessão ecológica da vegetação arbórea em uma Floresta Estacional Semidecidual, Viçosa, MG, Brasil. In: Acta Bot. Bras., v.18, nº3, p.407-423. jul./set. 2004.
- SANTOS, M. A Natureza do Espaço. São Paulo: Edusp, 2002.
- _____. Por uma Geografia nova. São Paulo: Hucitec-Edusp. 1978
- SAPIR, E. Linguística como ciência. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1969. p. 43-62.
- SALGADO, G.; LOCH, R. E. N. Análise Temporal de Uso da Terra a Partir da Integração de Sensoriamento Remoto e Sistema de Informações Geográficas: Parque Municipal da Lagoa do Peri - Florianópolis / SC. In. COBRAC 2002 - Congresso Brasileiro de Cadastro Técnico Multifinalitário, UFSC: Florianópolis, 6 a 10 de Outubro, 2002. 13p.
- SEPE, P. M.; TAKIYA, H. (coord.). ATLAS AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO - O Verde, o Território, o ser Humano: Diagnóstico e Bases para a Definição de Políticas Públicas para as Áreas Verdes no Município de

Rizzi, C. A. - Investigações sobre a construção do fitônimo
CAPOEIRA: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística
indígenas

São Paulo. São Paulo: SVM - Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, 2004. 266p.

- SILVA, C. T.; REIS, G. G.; REIS, M. DAS G. F. et al. Avaliação temporal da florística arbórea de uma floresta secundária no município de Viçosa, Minas Gerais. In: Rev. Árvore, v.28, nº3, p.429-441, maio/jun, 2004.
- SILVA, R. C.; PEREIRA, J. M.; ARAUJO, Q. R. et al. Alterações nas propriedades químicas e físicas de um chernossolo com diferentes coberturas vegetais. In: Rev. Bras. Ciênc. Solo, v.31, nº1, p.101-107, jan./fev, 2007.
- SCHAIK, C. V. Porque alguns animais são tão inteligentes? In: Scientific American Brasil, ano 4 nº48, p.58-65, mai 2006.
- SMITH, N. *Desenvolvimento Desigual. Natureza, Capital e a Produção do Espaço*. Tradução de Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. p.67-147.
- WAGNER, E. S. *Hannah Arendt e Karl Marx. O Mundo do Trabalho*. São Paulo: Ateliê Editora, 2002. 208p.
- WHATMORE, S. *Hybrid Geographies: Natures Cultures Spaces*. London and Thousand Oaks: Sage Publications, 2002. 226p.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 207p.
- WONG, K. *O Despertar da Mente Moderna*. In: Scientific American Brasil, ano 4 nº38, p.70-79, jul 2005.
- ZAMARIANO, M. *Toponímia Paranaense do Período Histórico de 1648 a 1853*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Londrina, 2006. 381p.